

CONFLITO COTIDIANO E TRANSFORMAÇÃO DAS IDENTIDADES: ITALIANOS E NEGROS NO OESTE PAULISTA, 1888-1914¹

Karl Monsma, Lania Stefanoni Ferreira e Virgínia Ferreira da Silva
Universidade Federal de São Carlos

Em outubro de 1891, José Rodrigues de Sampaio, fazendeiro de café no município de São Carlos, no oeste paulista, ofereceu um jantar aos seus colonos, a maior parte dos quais era italiana, para festejar o fim da colheita. Depois do jantar, os colonos pediram permissão para fazer um baile na tulha da fazenda, e Sampaio aceitou. Vários empregados brasileiros também participavam do jantar e do baile. Zeferino Ferreira Lima, um camarada negro, tinha convidado uma mulher para dançar quando, segundo sua declaração ao delegado, um colono calabrês chamado Antonio Lariago “instou com elle interrogado, para que este largasse da dama e fosse dançar com elle, dito Lariago, ao que elle interrogado respondeu que não fazia isso porque já tinha tirado uma dama, ao que dito Lariago puchando de um revolver, disse: que o interrogado havia de dançar com elle”² Vendo o revolver, os outros saíram da tulha e chamaram o fazendeiro. Sampaio, com Zeferino ao seu lado, gritou para Antonio se aquietar e começou a abrir a porta. Nesse momento, ouviu-se tiros de dentro da tulha. Uma das balas passou pela porta e acertou Zeferino no lado do peito.

Nos documentos da polícia e da justiça que tratam de conflitos violentos entre imigrantes italianos, por um lado, e negros, mestiços ou caboclos, por outro, encontra-se com certa regularidade situações de sociabilidade e interação amigável que explodem em violência.

Mesmo encontros aleatórios podiam ser perigosos, como, por exemplo, no final de 1906, durante uma festa na igreja matriz de São Carlos, o mulato Heitor Rodrigues da Silva e o italiano Gaspar Sabino se esbarraram na porta da igreja. Heitor segurou Gaspar pelo braço, como que para ajudá-lo a recuperar o equilíbrio, e Gaspar se ofendeu. Segundo a declaração de Gaspar, ele respondeu: “patrício eu não sou bêbado nem louco para que me segure.”³ Isso iniciou uma discussão entre os dois, que continuou com troca de insultos no jardim público. Dois italianos, amigos de Heitor, o seguraram, para não brigar. Aproveitando a imobilidade de Heitor, Gaspar o chutou. Com isso, Heitor se soltou e esfaqueou Gaspar nas costas.

A maior parte destas interações explosivas entre italianos e brasileiros não brancos envolvia lutas sobre quem tinha o direito de mandar e quem devia acatar. Quando um brasileiro negro ou pardo agrediu um italiano, tipicamente era em resposta a uma atitude de superioridade e autoridade que este havia assumido, sem ter nenhuma posição formal de autoridade. Quando um italiano feriu ou matou um afro-brasileiro ou caboclo, geralmente era depois deste ter afirmado sua igualdade e dignidade abertamente, insistindo em trato igual ou até, em alguns casos, tendo a audácia de mandar em um italiano. Antonio Lariago se enfureceu porque Zeferino tivera a impudência de recusar seu

pedido de dançar, preferindo a mulher que ele, Zeferino, escolhera. O caso de Heitor Rodrigues da Silva mostra que até atos de cortesia por brasileiros de pele escura podiam ser interpretados como insultos por italianos, porque igualavam as duas partes. Negros, mestiços e caboclos afirmavam a igualdade e italianos defendiam sua superioridade. Estes conflitos simbólicos muitas vezes traziam conseqüências reais e trágicas para os envolvidos. Além das tragédias individuais, brigas violentas entre italianos e brasileiros negros ou pardos produziam um ambiente de intimidação, que coibia a mobilidade, autonomia e ousadia de negros e outros não brancos.

Negros e imigrantes em São Paulo após a abolição

Falta diálogo entre a literatura sobre imigrantes em São Paulo e a sobre negros e relações raciais nas primeiras décadas após a abolição. A maior parte dos escritos sobre imigrantes menciona o negro somente como parte do contexto, a abolição aumentando a necessidade para mão de obra nas fazendas de café e a atração do Brasil como país de destino para emigrantes europeus. Embora às vezes reconheça a marginalização do brasileiro pobre, essa literatura focaliza a experiência e as lutas dos imigrantes, especialmente as dificuldades da vida nas fazendas e os conflitos com os fazendeiros.⁴

Alguns estudiosos da condição do negro comparam este com o imigrante. A obra clássica de Florestan Fernandes balizou boa parte do debate sobre a transição da escravidão ao trabalho livre em São Paulo. Trabalhos posteriores criticam a afirmação de Fernandes que a escravidão, além de deixar um legado de racismo, deixou os libertos anômicos, faltando laços familiares e comunitários sólidos, irresponsáveis e sem disciplina interna, por isso incapazes de competir com imigrantes no mercado de trabalho. Historiadores demonstram a força da família escrava e a capacidade da comunidade escrava de negociar e resistir. Celia Azevedo mostra que fazendeiros e outras elites paulistas viraram imigrantistas principalmente por medo da rebeldia e violência de negros, o que sugere que a preferência por imigrantes resultou mais do medo e do racismo que das supostas deficiências de libertos enquanto trabalhadores. George Reid Andrews apresenta evidências que os negros podiam competir com os imigrantes, mas perderam espaço para estes principalmente porque eram mais exigentes nas suas negociações com fazendeiros e outros empregadores, especialmente no que diz respeito ao trabalho de mulheres e crianças.⁵

Mesmo os autores que comparam negros e imigrantes raramente abordam as relações cotidianas entre eles, provavelmente em função da idéia de que os negros abandonaram as fazendas e mudaram-se para as cidades.⁶ Mas os documentos da polícia e da justiça pesquisados para este projeto mostram que, mesmo com a migração para as cidades, muitos afro-brasileiros ficaram na zona rural de São Carlos após a abolição. Em 1899, segundo um estudo do Clube da Lavoura de São Carlos, ainda havia 1,242 trabalhadores rurais negros no município.⁷ Parece que este estudo só incluiu trabalhadores nas fazendas, a grande maioria dos quais era composta de homens. Se

incluirmos mulheres e crianças e outros homens, o número de moradores rurais negros devia ter sido bem maior. Até 1899, os 13,418 imigrantes nas fazendas de São Carlos superaram em muito os trabalhadores negros, mas estes ainda eram aproximadamente oito por cento dos trabalhadores rurais contados pelo Clube da Lavoura. A proporção de negros e pardos na cidade de São Carlos certamente era maior.

O destino dos dois lados não dependia somente dos preconceitos das elites ou da competição com desconhecidos, mas também da interação face a face entre eles, que podia aumentar ou limitar oportunidades, ambições, solidariedades, tensões e medos. Aqui concentramos nas relações de somente um grupo europeu, os italianos, com brasileiros não brancos. Os italianos constituíam de longe o maior grupo imigrante no oeste paulista, é eram os primeiros a chegar em grandes levadas. Italianos e brasileiros pobres de todas as cores interagiam nas turmas de camaradas que derrubavam a floresta e plantavam novos cafezais, nas turmas que construía as ferrovias, nas vendas rurais, onde se encontravam para beber e jogar depois do trabalho e aos domingos, nos bailes e nas corridas de cavalos. Nas fazendas, poucos brasileiros negros e pardos tinham contratos de colonato, mas trabalhavam como carreteiros, oleiros, pastores, pajens, capangas e trabalhadores da roça, o que implicava contato com trabalhadores imigrantes. Nos primeiros anos, famílias brasileiras viviam junto aos imigrantes nas colônias, e um número razoavelmente alto de mulheres negras ou morenas vivia com homens italianos. Na cidade de São Carlos, italianos e negros se encontravam nas ruas, nos lugares de trabalho, no mercado, na estação ferroviária, nas vendas, nos pensionatos e nos restaurantes.

Não havia nenhuma base material consistente de conflito entre italianos e brasileiros negros e pardos. Havia pouco desemprego na primeira década após a abolição, e as fontes não mencionam competição entre imigrantes e brasileiros por empregos. De maneira geral, até incidentes violentos que se originavam em desentendimentos a respeito de assuntos materiais, como dívidas ou a qualidade de serviços feitos, intensificavam-se porque italianos teimavam em mandar e brasileiros não brancos se recusavam a acatar.

Imigrantes europeus enfrentavam fazendeiros e outras elites locais que os viam, sobretudo, como mão de obra barata. As tendências despóticas de muitos fazendeiros e administradores de fazendas, que se negavam a deixar os colonos se demitirem no meio dos contratos, impunham várias regras paternalistas, portavam relhos e usavam a violência e a intimidação para impor respeito, lembravam a escravidão. Nas cidades, italianos sofriam tratamento parecido da polícia, que rotineiramente espancava e roubava trabalhadores imigrantes. Ao mesmo tempo, a ideologia racial predominante afirmava a superioridade de europeus sobre negros e pardos. Certamente imigrantes—substitutos por escravos, mas também membros da raça superior—percebiam as

atitudes contraditórias das elites locais, podiam observar como brasileiros brancos tratavam seus compatriotas negros e morenos, e logo aprenderam a importância de manter as distinções de cor.

Negros e mestiços, por outro lado, não queriam ser subordinados, humilhados ou abusados por causa da sua cor. Precisamente porque sua própria condição muitas vezes estava perigosamente perto da dos pretos, muitos italianos sentiam as reivindicações de negros e pardos por respeito e igualdade no trato como ameaças irritantes à sua identidade e honra.

Nos inquéritos policiais e processos criminais de São Carlos do período entre a abolição e a Primeira Guerra Mundial, encontramos uma tendência nítida para a violência e a intimidação contra negros, mestiços e caboclos. O número de casos de violência de italianos contra negros é mais de três vezes maior que o número de casos em que negros agrediram ou mataram italianos. Agressões de italianos contra pardos ou caboclos eram 50% mais comuns que vice-versa.⁸ Estas figuras são conservadoras porque incluem somente casos em que os agressores são citados por nome. Como havia certa tendência para a violência de grupos anônimos de italianos contra negros e pardos, a inclusão destes casos aumentaria bastante as razões correspondentes.

Também achamos exemplos de solidariedade inter-racial nos inquéritos e processos. No baile descrito no início deste texto, por exemplo, colonos italianos agiam rapidamente para isolar Antonio Lariago e proteger o negro que ele tentava intimidar com revólver. Na ausência de um sistema de castas oficial, com o respaldo do Estado, relações entre indivíduos muitas vezes superavam as barreiras de cor e podiam suscitar afeição, solidariedade ou amor. Isso às vezes levava a atos de violência contra membros do próprio grupo, em defesa de amigos ou amantes de outra cor.

Uma briga violenta estimula percepções e interpretações diversas, e muitas vezes divergentes, entre participantes e testemunhas. Não é de surpreender que os acusados e as vítimas contassem histórias interessadas, mas a maneira em que construía essas narrativas e seu conteúdo étnico e racial podem nos ajudar a entender a violência inter-racial. As testemunhas percebiam e interpretavam os conflitos de pontos de vista específicos, definidos principalmente por posição social, identidade étnica ou racial, e suas relações pessoais com os indivíduos envolvidos. Na grande maioria dos crimes pesquisados, ninguém alegou que o acusado não havia cometido o ato de violência; o que se contestava na justiça era se a vítima havia provocado o agressor ou não. Nas histórias variadas sobre quem provocou quem, é possível identificar noções italianas de comportamentos ultrajantes de negros e mestiços, e noções afro-brasileiras (ou, às vezes, indígenas) sobre o que constituía ofensas intoleráveis de italianos.

Provocações simbólicas

Ao fim de maio de 1895, Anastácio Cosme, um pedreiro preto de 21 anos, construía uma calçada na cidade de São Carlos quando dois mascates italianos tentaram passar pelas pedras recém

assentadas, provocando um conflito que resultou na morte de um dos mascates.⁹ Conforme a declaração de Anastácio ao delegado,

Vendo que [os mascates] querião passar pelo lugar do serviço, disse ao primeiro que agora sabe chamar-se Jorge Muzzi que não passasse por ali porque as pedras não estavam bem assentadas e podião deslocar-se causando-lhes assim prejuizo. O italiano sahio para o meio da rua, virou-se para elle interrogado e perguntou-lhe se era Juiz de Direito. Respondeu-lhe o interrogado que não era Juiz de Direito, mas que elle não passasse porque desmancharia o serviço. O italiano disse então que o interrogado não era christão e sim negro burro que se o serviço fosse desmanchado elle que o fizesse de novo como sua obrigação e que passaria pelo lugar não tendo medo de cem homens como o interrogado. Em seguida ameaçou-o interrogado com um metro que trazia na mão e começou a descer os bahús que trasia. Quando elle acabou de descarregar-se, o interrogado deu-lhe uma pancada com a régua de que se servia, o italiano cahio, virou um pouco e ficou na posição de quem se achava sentado e dessa posição não sahio.

O italiano, golpeado na têmepra, morreu na hora e seu companheiro fugiu.

Esta tragédia é emblemática das tensões e pressões contraditórias que negros e italianos pobres sentiam quando se enfrentavam nos anos após a abolição. O mascate italiano, tão pobre que não podia comprar um jumento, tendo de carregar suas mercadorias nas costas, era orgulhoso demais para aceitar ordens perfeitamente justificáveis de um negro, e reivindicou a distinção ao afirmar que negros não podiam ser cristãos (e, portanto, não eram honrados e dignos de respeito) e que eram burros. O jovem pedreiro, tentando proteger seu serviço e insistindo em ser tratado com decência foi, ao que parece, enfurecido pelos insultos aviltantes e a negação de sua dignidade humana. Pelo lado italiano, o embate era puramente simbólico. Em desviar da calçada, os mascates só teriam perdido seu orgulho. Pelo outro lado, é verdade que Anastácio protegia a calçada, mas tudo indica que ele bateu na cabeça do italiano não para evitar reassentar algumas pedra, mas em resposta a feridas simbólicas.

Neste caso e em muitos outros, as elites manifestaram pouca inclinação para a solidariedade racial com italianos pobres que brigaram com brasileiros negros ou pardos. A versão de Anastácio foi corroborada não somente pelo seu ajudante e cunhado, outro negro, mas também por dois brasileiros brancos, um comerciante e um “lavrador” (provavelmente fazendeiro), que observaram o evento da loja do comerciante. O júri condenou Anastácio, mas ele foi sentenciado a somente onze meses de cadeia. Depois de recurso, o segundo júri o absolveu.

Os inquéritos e processos sugerem que, nas suas interações cotidianas, italianos e brasileiros não brancos muitas vezes travavam lutas de classificação.¹⁰ Os não brancos negavam a significância hierárquica da cor e insistiam em se classificar da mesma maneira que os italianos—como trabalhadores, cristãos, homens ou mulheres, pais ou filhos, ou simplesmente como seres humanos—nunca, pelo menos nos documentos pesquisados, reivindicando superioridade baseado na naturalidade brasileira. Os italianos, por outro lado, tendiam a perceber a cor como um esquema matriz de categorização, prevalecendo sobre todos os outros, e de enfatizar suas associações

hierárquicas, ligando a pele escura com características negativas como estupidez, paganismo, preguiça ou alcoolismo. Princípios alternativos de classificação social, tais como classe social, profissão, idade, escolarização ou cidadania, teriam colocado muitos italianos nas mesmas categorias com os negros que encontravam na vida cotidiana, ou até favorecido estes. Portanto italianos, especialmente italianos pobres, afirmavam a importância fundamental da cor.

Nas interações entre italianos e brasileiros de pele escura, até pequenos insultos ou atos de desconsideração, reais ou imaginados, podiam ser perigosos. Para entender o potencial explosivo das interações cotidianas, precisamos examinar o significado simbólico de pequenas afrontas. Heitor Rodrigues da Silva e Gaspar Sabino, no evento descrito acima, não brigaram porque se esbarraram na porta da igreja, mas porque um italiano se recusou a aceitar uma cortesia de um mulato, o que afirmou publicamente a inferioridade deste.

Em junho de 1897 dois adolescentes italianos, filhos de colonos e aparentemente primos, mataram um negro porque se irritaram com uma brincadeira tosca deste.¹¹ Cedo pela manhã, Cuneo e Domenico Albachiara, de 17 e 13 anos, respectivamente, saíram para caçar armados de espingardas. No pasto da fazenda, encontraram Leopoldino de Campos, preto de mais ou menos 25 anos, que voltava de uma festa, bêbado, acompanhado por Manoel Adão Felizardo, outro negro mais velho. Conforme Manoel o que disse no seu depoimento, Leopoldino, brindando, deu Cuneo uma tapa na cabeça, que derrubou seu chapéu e lhe fez cair a vareta da espingarda. Vendo isso, Manoel:

correu para Leopoldino e o agarrou pedindo-lhe que não brigasse com os meninos; que os meninos retiraram-se alguns passos – ficaram ali com as espingardas engatilhadas e, entendendo elle depoente que nada mais havia, a pedido de Leopoldino deixou este; - que Leopoldino então vendo a attitude dos meninos – abriu o peito da camisa e disse: - Vocês querem atirar atirem aqui; - em resposta o menino maior (...) desfechou-lhe um tiro na perna e quando ia cahindo Leopoldino o menor (...) desfechou-lhe segundo tiro no pescoço que o matou ali mesmo. (...) os mesmos podiam perfeitamente terem deixado o lugar quando elle depoente segurava Leopoldino e pedio-lhes que pelo amor de Deus fossem embora que Leopoldino estava muito bebado

Na sua defesa, os adolescentes alegaram que foram dominados pelo medo, descrevendo Leopoldino como uma espécie de monstro preto furioso, que lhes espancava sem motivo, e depois se soltou das mãos de seu amigo para continuar a agressão. A versão de Manoel (corroborada nos detalhes essenciais por dois outros brasileiros, que observaram o evento de alguma distância), sugere outra interpretação: Cuneo se sentira humilhado pelo negro atrevido que o esbofeteou de brincadeira como se fosse uma criança. Quando os rapazes o ameaçavam com as espingardas, Leopoldino não recuou e os desafiou a atirar nele. Nessa altura, deixar Leopoldino ir embora teria significado reconhecer a coragem superior de um negro, então os rapazes atiraram nele.

A preponderância demográfica favorecia a violência grupal de italianos contra brasileiros não brancos, mas a natureza malévola de alguns desses ataques sugere que não resultavam

simplesmente de números superiores, mas também de ódio. Em fevereiro de 1894, um grupo de quatro ou seis (as versões variam) homens italianos, que celebravam o carnaval com dança e grandes quantidades de vinho na frente de uma venda rural, mataram um preto porque ele lhes disse que o dono da venda quis fechar o negócio e não lhes serviria mais vinho.¹² Todos os italianos envolvidos estiveram em São Carlos, e provavelmente no Brasil, por um ano ou menos. Neste período, eles internalizaram racismo o suficiente para se enfurecer contra um negro que lhes dava ordens, mesmo se ele só transmitia um recado de outro. Em alguns outros casos de violência de grupos de italianos contra negros ou mestiços, espectadores que não tinham nada a ver com o desentendimento original entraram na briga, por rancor, por ultraje, ou simplesmente pelo prazer de bater num preto. Num domingo de 1904, entre 50 e 80 colonos e camaradas, a maior parte deles italianos, espancaram dois negros que provocavam e ameaçavam o dono de uma venda rural e o administrador de uma fazenda, levando à morte de uma das vítimas.¹³

Com o tempo e maior exposição às ideologias raciais dos brasileiros brancos, os imigrantes italianos provavelmente desenvolveram noções mais explícitas da inferioridade afro-brasileira e indígena. Certos casos de violência da segunda década após a abolição sugerem um incremento na hostilidade generalizada de italianos contra negros, independente do comportamento destes. Com o crescimento da população imigrantes, italianos e outros europeus também estavam melhor posicionados para definir alguns espaços segregados.

Em março de 1904 uma aglomeração de homens e mulheres italianos agrediu um negro simplesmente por entrar na sua colônia, na Fazenda Salto.¹⁴ Seguindo ordens de seu patrão, Simão Joaquim de Assis fora à fazenda buscar pontas de cana para plantar. Depois que o administrador mostrou o canavial, Simão lembrou que não tinha um instrumento para cortar as pontas, então voltou para a colônia para pedir emprestada uma foice ou uma faca.

Segundo uma testemunha portuguesa,

Que os colonos então disseram que não queriam negro alli, que fosse embora e logo em seguida o depoente viu o colono de nome Abelardo de tal, espancar Simão, o que também foi feito por Donato, Rocco di Grisso, que o offendido Antonio Calesimo e algumas mulheres também compunham o grupo que hostilizava Simão, que bastante ferido voltou de baixo de pauladas e pedradas, até a casa onde havia deixado a espingarda e ali pegando-a fez fogo sobre o grupo.¹⁵

Os colonos continuaram perseguindo Simão, que finalmente foi resgatado pelo administrador:

Logo depois o depoente [o administrador] viu Simão que estava sendo agredido na colônia por homens e mulheres, armados de paus e pedras. (...) Ele depoente vendo que Simão era sacrificado pelos colonos, mandou seu empregado de nome João Ignácio em socorro ao agredido, e este retirou Simão imediatamente do poder dos agressores. O depoente vendo que os colonos ainda perseguiam Simão dirigiu a colônia encontrando-se com Simão, conduzindo-o a casa, onde permaneceu até a chegada da força.¹⁶

O sucesso de tais tentativas de definir espaços segregados era limitado porque fazendeiros e outras elites não os apoiavam. Mesmo assim, o poder de intimidação de aglomerações de italianos e outros europeus devia ter sido suficiente para acautelar desconhecidos negros contra passar descuidados pelas colônias, onde a predominância de brancos aumentava com o passar do tempo.

Conclusão

Uma das conseqüências mais importantes da violência discutida aqui era o ambiente de intimidação, em que italianos e outros brancos tentavam impor suas vontades em negros, mestiços e caboclos mediante ameaças explícitas ou implícitas da violência física. Logo após a abolição, os não brancos da zona de produção de café no oeste de São Paulo ficaram diluídos entre a massa de imigrantes europeus, sobretudo italianos, o que limitava a capacidade daqueles de se defenderem e facilitava agressões grupais por imigrantes.

As elites locais mostravam pouca simpatia por italianos que agrediam afro-brasileiros ou caboclos. Uma vez que a abolição afastou a ameaça da rebelião escrava, elites locais não se interessavam muito em promover a solidariedade branca porque não precisavam do apoio de brancos pobres, especialmente de estrangeiros que nem votavam, para manter seu poder econômico e político, e temiam a violência, os distúrbios, a sabotagem e as greves de imigrantes. Em São Carlos, os júris até eram mais propensos a condenar italianos acusados de agredir ou matar não brancos (25% de 59 foram condenados) que de condenar negros, pardos ou caboclos acusados de atacar italianos (14% de 21 foram condenados). O fato de que italianos e outros imigrantes não podiam contar com a tolerância ou ajuda de elites locais para ataques racistas, tendia a limitar o conflito inter-racial a tensões cotidianas, disputas de nomeação e violência interpessoal, com irrupções espontâneas e ocasionais de violência coletiva. Sem o apoio das elites, ficou quase impossível promover movimentos racistas organizados ou terrorismo sistemático.

A intimidação cotidiana e a possibilidade de sofrer violência dos imigrantes devia ter acautelado os não brancos, limitando confiança, ousadia e tentativas de se distinguir. Desconfiamos que isso restringia a liberdade de deslocamento na vida cotidiana e fortalecia os laços de dependência de negros e pardos para com fazendeiros e outras elites locais, o que, por sua vez, impedia a ação coletiva em defesa dos interesses do grupo. Espremidos entre imigrantes e fazendeiros, muitos negros e mestiços migraram para as cidades paulistas, mas mesmo ali tinham de enfrentar a intimidação cotidiana da maioria imigrante.

¹ Este projeto recebe o apoio do CNPQ (processo 479959/2001-3) e do Programa Brasil Latino da Fundação Cassamarca. Lania Stefanoni Ferreira e Virgínia Ferreira da Silva receberam bolsas do PIBIC/CNPQ. Agradecemos a ajuda dos diretores e funcionários da Fundação Pró-Memória.

² Fundação Pró-Memória, São Carlos (doravante FPM), Processos Criminais, Caixa 291, sem número, 1891. Na época, era comum homem dançar com homem.

³ FPM, Criminais, C. 194, No. 107, 1907.

⁴ Alvim, Zuleika M. F. *Brava gente! os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986; Dean, Warren. *Rio Claro*. Stanford.: Stanford Univ. Press, 1976; Fausto, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999; Hall, Michael McDonald. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*. Tese de doutorado, Columbia University, 1969; Holloway, Thomas H. *Immigrants on the Land*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1980; Stolcke, Verena. *Coffee Planters, Workers and Wives*. New York: St. Martin's Press, 1988; Trento, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989; Vangelista, Chiara. *Le braccia per la fazenda*. Milano: Franco Angeli, 1982.

⁵ Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3^a ed. São Paulo: Ática, 1978; Slenes, Robert W. *Na senzala, uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; Reis, João José e Silva, Eduardo. *Negociação e conflito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; Azevedo, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; Andrews, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1991.

⁶ Veja também Beiguelman, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*, 2^a ed. São Paulo: Pioneira, 1978. Kowarick, Lúcio. *Trabalho e vadiagem*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Slenes, Robert W. 1997. "Senhores e subalternos no oeste paulista." In Luiz Felipe Alencastro (org.) *História da vida privada no Brasil 2, Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁷ Truzzi, Oswaldo. *Café e indústria: São Carlos 1850-1950*, 2^a ed. São Carlos: Editora da UFSCar, 2000, pp. 55-56.

⁸ Estas figuras se baseam no número de duplas agressor-vítima para cada combinação. Este número não é exatamente igual ao número de agressores ou ao número de vítimas porque alguns casos envolvem mais de um agressor ou vítima. Por exemplo, um caso com três agressores e duas vítimas teria seis duplas agressor-vítima.

⁹ FPM, Criminais, C. 286, No. 37, 1895.

¹⁰ Bourdieu, Pierre. "Espace social et pouvoir symbolique", in Pierre Bourdieu, *Choses dites*. Paris: Éditions de Minuit, 1987.

¹¹ FPM, Criminais, C. 256, No. 27, 1897.

¹² FPM, Criminais, C. 262, no number, 1894, Luiz Leme, José Leme, Fernando Leme, Domingos de Credico, Domingos Paiaroni, Giuseppe Paiaroni.

¹³ FPM, Criminais, C.309, No. 3797/1310, 1904.

¹⁴ FPM, Criminais, C. 289, No. 11, 1904, Bernardo Bartolomeu, Donato Sotomano, Rocco di Grosso, Antonio Calesimo, Simão Joaquim de Assis.

¹⁵ Declaração de Manoel da Silva Ferreira durante inquérito.

¹⁶ Declaração de João Albano da Silva Barros durante inquérito.